

# Carapintada

Uma viagem pela resistência estudantil

RENATO TAPAJÓS

Ilustrador: MAURÍCIO VENEZA

O texto ficcional desta obra é o mesmo das edições anteriores

Carapintada

© Renato Tapajós · 1993

DIRETOR · Fernando Paixão

EDITORA · Gabriela Dias

EDITOR ASSISTENTE · Fabricio Waltrick

APOIO DE REDAÇÃO · Pólen Editorial e Kelly Mayumi Ishida

PREPARADORA · Lizete Machado Zan

COORDENADORA DE REVISÃO · Ivany Picasso Batista

REVISORA · Cátia de Almeida

## ARTE

PROJETO GRÁFICO E CAPA · Tecnopop

EDIÇÃO · Cintia Maria da Silva

EDITORACÃO GRÁFICA · Tecnopop

FONTE: FF Quadraat (Serif, Sans, Sans Condensed & Head),  
de Fred Smeijers, editada pela FontShop em 1993

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS · RJ

T175c

10.ed.

Tapajós, Renato, 1943-

Carapintada / Renato Tapajós; ilustrações Maurício  
Veneza - 10.ed. - São Paulo : Ática, 2007.

104p. : il. - (Sinal Aberto)

Inclui apêndice e bibliografia  
Contém suplemento de leitura  
ISBN 978-85-08-10535-9

1. Jovens – Atividades políticas – Literatura  
infantojuvenil. 2. Brasil – História – Literatura  
infantojuvenil. 3. Impedimentos – Brasil. 4. Ditadura  
militar – Brasil – Literatura infantojuvenil. I. Veneza,  
Maurício. II. Título. III. Série.

06-2492.

CDD 028.5

CDU 087.5

ISBN 978 85 08 10535-9 (aluno)

ISBN 978 85 08 10536-6 (professor)

2013

10ª edição, 3ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática · 1994

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# Juventude e política

Em duas épocas muito diferentes os jovens brasileiros foram às ruas e **protestaram** contra o governo. A participação política da juventude foi fundamental, nos dois casos, para demonstrar a insatisfação da população diante do que estava acontecendo.

Nos anos 1960, a **ação estudantil** contra o regime militar mostrou sua força. Os estudantes foram às ruas em protestos e até mesmo em ações armadas, e tentaram de todas as formas combater a ditadura, que censurava a imprensa e a liberdade de expressão.

No início da década de 1990, jovens de todo o Brasil saíram às ruas em passeatas que, juntamente com outros movimentos, resultaram no processo de **impeachment** do presidente Fernando Collor de Mello.

O autor deste livro participou do movimento estudantil na década de 1960 e vivenciou com entusiasmo as manifestações de 30 anos depois. Vendo toda essa **ebulição**, decidiu propor um encontro de gerações.

Como seria a participação de um jovem estudante dos anos 1990 nas ações da década de 1960? São enormes as diferenças entre as manifestações de ideias **numa democracia e numa ditadura**, sem falar no abismo que separa o jovem de uma época e de outra. Mas com certeza alguma coisa eles têm em comum.

São questões como essas que você vai encontrar nesta história fascinante, na qual o personagem principal viaja ao passado, se envolve com os conflitos políticos da época e vive uma grande paixão. Ao final do livro, você vai conhecer a vida e as ideias do autor em entrevista exclusiva.

## Não perca!

- O encontro de um estudante dos anos 1990 com os ideais da década de 1960.
- A importância da organização política.



**Carapintada** (prefiro assim mesmo, sem hífen)  
é dedicado a todos aqueles que — tenham ou  
não pintado a cara — lutaram e continuam  
lutando para tornar o mundo melhor.

## 1

Passava das seis da tarde quando Rodrigo saiu do metrô, na rua Vergueiro. Uma pequena mancha de **tinta verde** coçava um pouco, perto do queixo. Esfregou com a mão, sem muita esperança de que saísse. A maior parte da tinta já havia sido tirada ainda na Praça da Sé, quando ele e os dois amigos molharam a cara na fonte e esfregaram com o moletom. Sentia fome e um certo cansaço.

Bom, não era para menos. Desde manhã, MASP, avenida Paulista, Brigadeiro, para terminar no Vale, aquele mundo de gente, a zoeira — talvez a maior de que já tivesse participado ou mesmo visto. Mal dava para se interessar em comer os *hot dogs* e outras besteiras que os ambulantes ofereciam. Mas agora, no final da tarde, a **manifestação** começava a se transformar naquela coisa chata de discurso dos políticos. Vieram embora, os outros dois já haviam tomado o rumo de casa na estação São Joaquim. A fome apertou.

Caminhou na direção da Paulista, sentindo o cheiro forte de combustível queimado dos carros na hora do *rush*, o ronco pesado que subia da 23 de Maio, o vento que esfriava subitamente depois de um dia quase quente. Já estava chegando na praça Osvaldo Cruz quando sentiu uma certa tontura, como se as imagens ficassem subitamente cobertas por um vidro fosco, ondulado, e ele chegasse perto de perder a consciência. Mas foi apenas um segundo e passou.

Parou, tocou no rosto com a mão e, imediatamente, percebeu que alguma coisa havia mudado. O cheiro de combustível queimado e o ronco do trânsito tinham diminuído bastante. Olhou em frente e não reconheceu o perfil da Paulista. Não sabia bem o que era, mas os postes de iluminação estavam diferentes, a avenida parecia mais acanhada e, sem dúvida, havia menos luz, mesmo naquela hora indefinida do crepúsculo. **Sentiu o coração acelerar, a boca ficou seca, um princípio de alarme: não conseguia reconhecer onde estava**, embora o aspecto geral do lugar lhe dissesse que aquilo era perto do começo da avenida Paulista, quase na praça Osvaldo Cruz.

Um ônibus passou roncando e ele não conseguiu deixar de pensar que aquele era um modelo antigo, com um aspecto estranhamente novo. O que o levou a olhar para os carros e perceber que a grande maioria deles era de fusquinhas. A respiração suspensa, um princípio de suspeita se formando. Mas ainda não era hora de entrar em **pânico**. Deu alguns passos em direção à esquina da Paulista com a Treze de Maio. Dali poderia ver melhor a praça e toda uma série de referências bem conhecidas.

A primeira coisa que chamou sua atenção foi uma mulher atravessando a rua, carregada de pacotes. Ela usava minissaia e um estranho penteado que parecia um ninho de pássaro. Lembrou vagamente da vocalista de um grupo de *dance music* que andava fazendo algum sucesso na MTV. Mas havia algo diferente ali. Era como se aquela mulher fizesse parte da paisagem, não destoasse do cenário.

Olhou para a esquerda e a Rafael de Barros estava lá. Mais escura — era difícil de distinguir naquela luz de fim de tarde — mas parecia que faltavam algumas construções, alguns edifícios. Franziu a testa. Agora era a prova dos nove. Olhou para sua direita, esperando ver o Shopping Paulista. Mas o que encontrou foi um prédio atarracado com um letreiro conhecido, mas já quase esquecido: Sears. Essa loja fechou faz alguns anos, pensou.

Voltou-se para a avenida. A ilha central estava diferente do que conhecia e os prédios, estranhamente mais espaçados. Rodrigo teve a impressão de ter entrado num filme antigo, a sensação de uma porta que se fechava. Repentinamente, sobrepondo-se à ima-

gem anterior, a Paulista que conhecia reapareceu, a torre da Globo recortada contra o céu. Ia respirar aliviado. Mas ela se desvaneceu, como uma miragem. Teve a impressão de que a tontura voltava, o medo cresceu. Fechou os olhos com força. Mais do que ouviu, sentiu um carro parando na sua frente.

## — Rodrigo!!

Uma voz de mulher. Abriu os olhos e viu uma mulher de 20 ou 21 anos, abrindo a porta de um fusca vermelho. Olhou para dentro e notou que ele era dirigido por um rapaz não muito mais velho. A moça tinha o cabelo muito preto, com franja e um corte reto dos lados que lhe lembrava alguma foto antiga. Como tudo estava mesmo muito estranho e eles dessem a impressão de conhecê-lo, resolveu entrar. Enfiou-se no banco de trás, olhou em torno. O fusca era de modelo bem antigo, mas parecia novo. Tinha até cheiro de carro novo. A moça falava com ele, enquanto o carro arrancava.

— Tudo bem, companheiro? Você parecia meio tonto ali na calçada.

— Deu mesmo uma tonteira. Mas eu acho que é só cansaço, um pouco de fome. Desculpa, teu nome é...

— Laura. Nome de guerra, é claro. Como o teu, Rodrigo. Esse aqui é o João.

— Oi — o outro falou, sorrindo por sobre o ombro.

— Acho que você não estava esperando a gente, não é?

— Não tava mesmo... — disse Rodrigo, com ironia.

— Quem vinha te encontrar era a Cláudia, do Comitê Secundarista — continuou Laura. — Mas ela soube que a gente ia passar por aqui e pediu pra te apanhar.

Que comitê será esse, pensou Rodrigo, não conheço nenhum comitê. Conheço aquela turma do São Luís, que é próxima do pessoal da UBES, mas comitê... Resolveu ganhar tempo.

— Mas eu não sei onde que...

— Pra isso que a gente veio — interrompeu Laura. — A reunião vai ser lá no Tuca. A Cláudia já está lá.





Bom, o Tuca pelo menos eu sei onde fica, pensou Rodrigo. Chegando lá, quem sabe as coisas voltam ao normal. Ou, pelo menos, eu encontro uma explicação para isso tudo.

O fusca já havia passado por boa parte da Paulista, correndo bastante na avenida estranhamente vazia. Sem perder velocidade, João fez a conversão e entrou em outra rua, mais residencial, menos movimentada ainda. Rodrigo ficou por um momento olhando a rua que lhe parecia familiar e, ao mesmo tempo, totalmente desconhecida. Subitamente, outra vez a mesma coisa: numa esquina cinzenta e comum surgiu diante de seus olhos um Seven Eleven com todas as suas luzes e cores. Ele se endireitou no banco e ia falar alguma coisa quando a esquina voltou ao que era e ficou para trás.

A impressão que isso lhe causou foi a de que devia haver um caminho de volta. **Não sabia o que tinha acontecido, não sabia nem mesmo onde estava, mas era como se a porta que dava para seu mundo ainda estivesse entreaberta.**

O quase pânico de momentos atrás deu lugar a um vago receio. De qualquer modo, e por mais improvável que parecesse, aqueles dois ali o conheciam. Ainda que pensando que Rodrigo fosse um nome de guerra, quando era seu nome real. O melhor agora era obedecer — pelo menos até conseguir tomar pé do que estava acontecendo. O cansaço crescia. Ele apoiou a cabeça no encosto do banco e fechou os olhos. De repente lembrou onde havia visto aquele cabelo que Laura usava: numa revista, meses atrás, sua mãe lhe havia mostrado uma foto da Nara Leão num daqueles festivais de MPB.

## 2

O fusca parou em fila dupla perto da esquina da rua Monte Alegre. Rodrigo viu algumas pessoas em frente à massa de prédios da PUC, recortada contra o crepúsculo.

— Olha a Cláudia lá — disse Laura.

Rodrigo olhou. Uma garota, de 15 ou 16 anos — que ele imediatamente achou muito bonita —, vinha em direção ao carro. Laura abriu

a porta e afastou o encosto do banco, para Rodrigo descer. Ele saiu e ficou de pé, sem saber muito bem o que fazer. Cláudia se dirigiu para ele, a mão estendida, um sorriso tornando luminoso seu rosto.

— Você deve ser o Rodrigo, não é?

Ele concordou enquanto apertava a mão dela. Imediatamente Cláudia se debruçou na janela do fusca.

— Vocês ficam?

— Não, não dá — respondeu João. — Temos uns pontos pra cobrir. Lá pelas oito horas eu passo aqui. O Xavier quer conversar com vocês dois.

Pronto, Rodrigo pensou, lá vamos nós. Tem um cara que eu não sei quem é que quer falar **comigo**. E com ela também. Olhou para Cláudia. Bom, considerou, os pesadelos podem trazer algumas compensações. Cláudia ainda falava com os dois no carro.

— Tá certo, então. Às oito vamos falar com o camarada Xavier. Acho que até lá tudo já terminou por aqui.

Voltou-se para Rodrigo.

— Oi, eu sou a... a Cláudia. Desculpa, ainda não acostumei com esse nome. Você deve ser da Base da Zona Sul, secundarista, certo?

Ele não podia senão concordar, acenando com a cabeça e fazendo uns ruídos guturais.

— Eu sou do Comitê Secundarista — continuou Cláudia — e nós resolvemos trazer alguns companheiros das várias zonas pra participar do planejamento da passeata de amanhã. Mas você sabe disso. O que você não sabia era que o Xavier ia querer falar com você também...

Ela sorria e Rodrigo olhava, encantado, para seu rosto. Voltou, assustado, para a realidade. Para aquela realidade.

— Bem... eu... eu não tava mesmo sabendo de nada...

— Depois a gente vê o que ele quer. Vamos lá.

Cláudia pegou na mão de Rodrigo e o arrastou na direção do Tuca. O calor agradável daquele contato ajudava a aumentar a sensação de irrealidade que o envolvia. Como se fosse mesmo um sonho: teve a impressão de que, se reagisse àquilo que o cercava, ia estragar tudo. Uma ponta de curiosidade: **que será que vem em seguida?** Deixou-se levar.